

## ROTEIRO: O RETORNO DO FILHO

de Douglas Machado

VINHETAS DE ABERTURA

CORTE SECO. IMAGENS DO INTERIOR DO APARTAMENTO DO EMBAIXADOR ALBERTO DA COSTA E SILVA.

CRÉDITO [CANTO ESQUERDO DA TELA]:

texto: 42

livro: INVENÇÃO DO DESENHO – Ficções da Memória

voz: Alberto da Costa e Silva

TEXTO 42

[VOZ DE ALBERTO DA COSTA E SILVA]

*Entre as seis e as sete da noite de 25 de junho de 1950, meu pai começou a passar mal. Chamamos meu irmão médico. Mário acudiu o mais rápido que pôde, na companhia de um colega cardiologista. Quase ao mesmo tempo chegava uma ambulância, com tudo o que era necessário para instalar em casa um quarto de hospital. Meu pai tivera um enfarto do miocárdio.*

*Quatro dias depois, por volta das onze horas da manhã, tentou erguer-se. Acomodei-o. Ele reagiu, baixinho:*

*– Alberto, meu filho.*

*E pareceu adormecer.*

*Morria mansa e serenamente, como mansa e serenamente passara os longos anos de exílio de si mesmo.*

*Tinha a cabeça em meu braço.*

FADE OUT/IN

CAPA DO LIVRO *INVENÇÃO DO DESENHO – FICÇÕES DA MEMÓRIA EM UM LEVE MOVIMENTO* – ATÉ PREENCHER TODA A TELA.

IMAGENS DO RIO DE JANEIRO. RUA DAS LARANJEIRAS. PRÉDIO ONDE VIVE ALBERTO DA COSTA E SILVA.

LOCUÇÃO 1

[VOZ DE DOUGLAS MACHADO]

Ao terminar de ler o livro *Invenção do desenho – ficções da memória*, imaginei realizar um documentário sobre a relação afetiva e poética entre o filho, Alberto da Costa e Silva – autor deste livro – e suas memórias com o pai, Da Costa e Silva.

Fizemos, então, um filme de encontros – gravados no Rio de Janeiro, onde Alberto vive atualmente, e na cidade de Amarante, no sul do Piauí, onde o pai nasceu.

A câmera permaneceu ligada durante todos esses encontros. Tecemos, juntos, uma ponte de memórias – sustentada na poesia que ambos haviam escrito.

PORTARIA DO EDIFÍCIO ONDE MORA ALBERTO DA COSTA E SILVA.

**DOUGLAS:** - Bom dia!

**PORTEIRO:** - Bom dia!

**DOUGLAS:** - Com licença.

**GARDÊNIA:** - Obrigada!

**PORTEIRO:** - De nada!

INTERIOR DO ELEVADOR. ENQUANTO A EQUIPE DE FILMAGEM SOBE PARA O QUARTO ANDAR, ENTRAM OS CRÉDITOS DE ABERTURA.

## **O RETORNO DO FILHO**

**um filme de DOUGLAS MACHADO  
com ALBERTO DA COSTA E SILVA**

QUARTO ANDAR. INTERIOR DO APARTAMENTO DO ALBERTO DA COSTA E SILVA.

**ALBERTO:** - Oi, o que há de bom?

**DOUGLAS:** Como está o Sr.?

**ALBERTO:** - Tudo bem? Você já está filmando?

**DOUGLAS:** Já, já estou gravando!

**ALBERTO:** Então,... tomei um susto ao vocês entrarem.

**D:** Pois bem, então... podíamos começar revendo alguns textos do...

**A:** Podíamos começar olhando o retrato do poeta!

D: Isso! É um ótimo começo.

A: Vamos ver aqui o retrato do poeta.

D: É de quando esse retrato?

A: Acho que é de 1909. Tem uma data aqui. Eu vou acender a luz para ver melhor.

A: 1909!

D: Quem foi que pintou?

A: Quem pintou foi o Maurício Jubim. Que era um pintor e poeta simbolista, que pintou os... pintou quase todos os poetas simbolistas.

D: Este quadro o sr. levou quando foi para Lisboa, não foi?

A: Esse quadro anda comigo o tempo todo. Tem essa coisa belíssima, desse colarinho azul, com essa linha vermelha, não é? Como se essa parte de baixo do quadro tivesse sido apenas desenhada e não pintada.

D: Ele foi para Teresina por volta de 15 anos, não é isso?

A: Exato!

D: E logo antes de ir para o Recife ele já publicava seus poemas...

A: Já publicava, já publicava. Aliás, a minha mãe contava que ele acordava às vezes à noite e pedia: - Creuza, anota aí! Ele ditava! Ele ditava! Quer dizer, ele compunha os versos primeiro na mente e só depois que eles estavam praticamente organizados e concluídos é que ele passava para o papel. É preciso não esquecer nunca que o meu pai aos 42, 43 anos de idade perdeu o uso da razão. E com isso, digamos assim, desarticulou toda a sua vida e toda a sua memória. Ele era um homem muito... foi o meu grande amigo de infância porque como ele estava disponível para mim o tempo todo, eu pude aprender muito com ele. Porque ele tinha oscilações na memória. Havia momentos em que ele não se lembrava de nada e outros momentos em que ele se lembrava de tudo. Mas ele nunca perdeu o gosto pelas palavras. Então, ele sabia o nome de tudo... ou de quase tudo!

D: Até das formigas, não é!

A: Até dos tipos de... das diferenças das formigas. Quer dizer, ele realmente não perdeu o seu saber. Aquilo que era intrínseco da vida dele. Mas nunca mais escreveu versos, nunca mais escreveu coisa alguma. Quer dizer, mas lia, lia muito! E foi por intermédio dele que eu tive conhecimento da grande poesia universal. Porque, curiosamente, eu não sabia inglês, eu não sabia francês, não

sabia espanhol, mas o meu pai me lia os versos de Keats [John Keats], os versos de Rubén Darío, os versos de Verlaine [Paul Verlaine], os versos de Rimbaud [Arthur Rimbaud], os versos de Elizabeth Barrett Browning...

D: E os lia no original!

A: E lia no original, e lia em voz alta e eu sabia que aquilo era bonito!

A: Então, era como ele se ele me tivesse imposto uma tarefa. Ele que a vida tinha sido tão dura, com quem a vida tinha sido tão dura. E que silenciara mal entrado nos 40 anos. Ele como que me impunha que eu lhe continuasse o percurso do momento do silêncio até o fim da minha vida. E é isso que eu tenho procurado fazer. De uma maneira ou de outra, continuar o percurso. Acontece apenas, que para continuar o percurso do Da Costa e Silva eu precisava não ser Da Costa e Silva, quer dizer... para fazer realmente, para continuar o percurso de um poeta que se tivesse heterônimos podia assinar cada um dos seus livros com um nome diferente. Porque "*Sangue*" é inteiramente diferente de "*Zodíaco*". "*Zodíaco*" é inteiramente diferente de "*Pandora*". E olhe que ele escreveu a maior parte dos poemas de "*Zodíaco*" na mesma época que escreveu os poemas de "*Pandora*" quando estava no Recife aí por volta de 1917. E "*Verônica*" é diferente de tudo!

D: Totalmente diferente "*Verônica*".

A: Então, você tem cada livro do poeta era um poeta diferente. Então, eu para continuar Da Costa e Silva, para eu continuar o meu pai, eu tinha de ser um poeta diferente. Eu não podia ter a sua linguagem. Agora, eu suspeito que subterraneamente é a voz dele que eu ouço quando eu escrevo versos. Quer dizer, que há algo no meu substrato, que há algo no poeta profundo, que é Da Costa e Silva!

D: Tem uma coisa curiosa, eu estava pensando ontem relendo alguns trechos dos livros que eu trouxe que: o sr. é um homem que viajou bastante, morou em vários países mas o seu pai também – não em outros países mas se movimentou bastante não é? De Amarante foi a Teresina, Recife. Morou no Rio, Porto Alegre, São Paulo...

A: Maranhão.

D: Maranhão, também.

A: Amazonas.

D: Fortaleza.

A: Amazonas.

D: Amazonas. Fortaleza. Além do fato dele ter tentado também uma carreira diplomática.

A: Eu fui ser diplomata por isso. Porque meu pai queria muito ser diplomata e foi barrado pelo Barão do Rio Branco que o achava muito feio para ser diplomata. E eu, como era menos feio que meu pai, fui ser diplomata.

D: Nessa época isso contava, não é?

A: Na época do Barão contava. Não minha época já não contava mais porque se contasse o Itamaraty ficava vazio. É uma casa cheia de gente feia! Na época do Barão tinha que ser bonito. Mas, de uma certa maneira, eu estava dando os passos que ele gostaria de ter dado. Quer dizer, toda a minha vida foi muito marcada por isso. E esta fidelidade a ele não empobreceu a minha vida, pelo contrário, olhando, fazendo um retrospecto, eu creio que ela a enriqueceu, a enriqueceu. De uma certa maneira, essa presença dele foi como se eu estivesse estabelecendo, permanentemente, um diálogo com a sua ausência. Pode parecer contraditório, quer dizer, a presença espiritual dele era um diálogo com o meu pai ausente que já tinha desaparecido fisicamente da minha vida desde menino.

D: E as últimas palavras do Da Costa e Silva foi, se eu não me engano, chamando o seu nome, não é?

A: Sim, porque ele morreu com a cabeça no meu braço. E eu cheguei perto dele e ele me reconheceu e disse: “- Alberto, meu filho!”. E morreu logo em seguida. É uma coisa como essa não se esquece nunca! Não se apaga jamais da memória. E cria uma espécie de compromisso muito grande entre você e o morto. Nós temos, todos nós temos compromissos com os nossos mortos. Eu tenho com os meus e já são muitos! Mas tenho especialmente com aquela manhã de 1950, no dia de São Pedro, em que o meu pai faleceu.

VOZ DE ALBERTO LENDO O POEMA “ELOGIO DA MORTE” - ESCRITO PELO SEU PAI, DA COSTA E SILVA. UM DESENHO DO POETA, FEITO POR TÓSSAN, VAI TOMANDO FORMA NA TELA À MEDIDA EM QUE A LEITURA SEGUE - COMO SE UMA MÃO IMAGINÁRIA ESTIVESSE A DESENHÁ-LO [FUNDO BRANCO].

CRÉDITO [CENTRO DA TELA]:

poema: ELOGIO DA MORTE  
[Da Costa e Silva]

*A morte não me assombra, nem me assusta,  
Não me causa arrepio, medo ao menos,  
Pois, vendo-a como os mártires, não custa  
Vê-la também como os heróis helenos.*

*É a mesma deusa redentora e augusta  
De sorriso velado e olhos serenos,  
Impassível e fria, porque é justa,  
Mas amável e bela como Vênus.*

*Sob o véu de mistério em que se encobre,  
Para dos homens se tornar temida,  
Vêm-na o rude, o mau, o triste, o pobre...*

*Mas eu a vejo em mármore esculpido,  
Com o eterno semblante calmo e nobre,  
Que não muda de aspecto como a vida.*

INTERIOR DO APARTAMENTO DE ALBERTO DA COSTA E SILVA.  
CONTINUA A CONVERSA ENTRE ELE E DOUGLAS MACHADO.

**ALBERTO:** Mas ele não guardava nada. De maneira que até mesmo as fotografias são poucas. Vamos ver aqui o que é... quais são as que eu posso mostrar para você.

**A:** Você vai ver como ele era diferente de um momento para o outro. Esta fotografia é da época em que ele escreveu "Zodiaco". Esta aqui, já é posterior. Já é de Manaus, 1929. Veja bem como é diferente uma fotografia da outra.

**D:** O Sr. tem razão.

**A:** Agora, veja quando ele era moço, menino. Quando editou "Sangue". Quando ele publicou "Sangue". Vamos juntar aqui... Veja! Dá para fotografar?

**D:** Perfeitamente.

**A:** Veja como são rostos diferentes. Você tem uma certa aproximação entre este e este, não é? Não é verdade?

**D:** Totalmente.

**A:** Como se fossem...

**D:** Pessoas diferentes!

**A:** No caso, cinco poetas diferentes! O espólio do poeta é mínimo. Quer dizer, eu tenho apenas duas coisas. Eu tenho as provas de antologias. São muito curiosas, porque foi o último livro que ele publicou ainda no uso da razão. E tem os originais batidos à máquina. E a prova tipográfica com os consertos feitos por ele. Olha, uma correção feita de última hora por ele.

**D:** Essa é a letra dele, então!

A: É a letra dele. “A Sombra de Ouro”. Quer dizer, uma correção feita de última hora. Agora ele tem aqui, também, os originais de “Verônica”. Não sei quem datilografou para ele mas todos os poemas estão com a letrinha dele, manuscrito, e datilografado. Do resto da vida dele não há registro. Ele não guardava nada! Não guardava nada talvez um pouco consciente da precariedade de tudo isso: da precariedade do juízo, da precariedade do que se escreve sobre uma pessoa, sobre um poeta, não é? Talvez não desse tanta importância a nada disso.

ALBERTO LÊ O POEMA “O CARROSSEL FANTASMA”. IMAGENS DE SUA VIAGEM A AMARANTE SE UNEM ÀS IMAGENS DA CIDADE.

CRÉDITO [CENTRO DA TELA]:

poema: O CARROSSEL FANTASMA  
[Da Costa e Silva]

*Ganhei o dia a meditar na minha vida,  
porque a saudade me levou à longínqua Amarante  
que cisma, talvez por mim, debruçada sobre as águas  
lentas e sonolentas do Parnaíba  
a rolar para o mar como eu para o mistério...  
Então, num sonho de criança convalescente,  
vem-me à memória o carrossel que fascinava,  
no seu giro constante, os meninos de minha idade:  
Cesário, Luís, Holanda... meus irmãos Nica e Joca,  
na vertigem do carrossel arrebatados tão cedo!*

*Tal qual o largo da matriz em noites de novena,  
meu pensamento se ilumina de uma luz ardente e doce  
como a dos balõezinhos pendentes dos arcos verdes,  
festionados de folhagens e frementes de bandeiras...  
E vejo, com os olhos de hoje, ao fundo do largo em  
[festa,  
o mesmo carrossel ruidoso da minha ruidosa infância,  
rodando... rodando... rodando continuamente...*

*Eu fui o mais feliz dos meninos do meu tempo:  
gastava todas as moedas das imagens que fazia  
(já tinha o dom divino de um criador de imagens)  
a dar voltas e voltas nos cavalos de madeira,  
que galopavam automaticamente, feito cavalos  
[árabes...  
Era arrogante e destemido que nem os vaqueiros da  
[minha terra,  
quando galgava o lombo de um desses pégasos sem*

*[asas,  
mas nem por sombra imaginava o meu destino de  
[poeta...*

*O carrossel parou no largo... mas não parou na vida...  
Continua em meu sonho, rodando... rodando sempre...  
E andando e desandando, num ritmo contraditório,  
ainda me dá a alegria inevitável de dar voltas...  
de girar, de rolar como os astros no espaço,  
de elevar-me a um destino superior ao do planeta,  
que em torno da sua órbita, como um símbolo, roda...*

*– Upa! upa! meu pensamento!*

ALBERTO CAMINHA NO CENTRO DE AMARANTE –

**DOUGLAS:** Cuidado com o batente!

**DOUGLAS:** Aqui foi que o sr. falou para mim...

**ALBERTO:** Exato! Aqui os barcos subiam com rolete. A carga era desembarcada alí embaixo e subiam com rolete. O rolete ia girando.

**D:** Isso até que época, mais ou menos, Embaixador?

**A:** Acho que até os anos 1930. 1920 e poucos. Amarante foi um porto fluvial muito importante. Aqui se embarcava cera de carnaúba, algodão, maniçoba, castanha de cajú para praticamente todo o mundo. E o curioso quando meu pai era pequeno, quer dizer, aí no fim, nos primeiros anos do século XX, 1900, 1901, 1902 por aí, é que aqui havia uma livraria. E essa livraria recebia livros que vinham de Portugal, que vinham da França. Que hoje parece incrível, olhando para a cidadezinha que é Amarante que aqui tivesse uma livraria onde o poeta comprou Cesário Verde, Cruz e Souza, Boudelaire. E leu naquela época, quer dizer, verdadeiramente extraordinário! Porque que era assim? Era assim porque a cidade tinha uma vinculação direta através da exportação de produtos que mais do que agrícola, eram produtos silvestres. Silvestres como era a carnaúba, tinham vinculação com os grandes portos europeus.

**A:** Olha, você veja a janela! Quer dizer, revela, essa aí era a casa do irmão do meu pai, do Niquinha. Já revela uma sofisticação que não é sertaneja, não é verdade?

**D:** Vamos nos aproximar!

**A:** Vamos.

**A:** Você veja, olhe... Agora é uma pena porque, por exemplo, construíram casas como aquela que não tem nada que ver, esse Correios e Telégrafos não tem nada que ver com a rua. Mas felizmente foram poucas as construções. O grosso continua a obedecer a antiga arquitetura pelo menos nas fachadas.

**A:** Olha, veja essa casa! Não só a forma das janelas mas como, possivelmente, aquela vidraça é nova, ela devia ser colorida, provavelmente no passado ela era colorida.

**D:** Sim!

**A:** Deve ter quebrado algumas, não encontraram mais vidro colorido, puseram vidro comum. Aqueles vidros ainda estão vidros coloridos.

**D:** Isso. Originais.

**A:** Quase todos. Essa casa também, aqui de frente que era dos Arcoverde, é muito bonita!

**D:** Quando nós estávamos conversando, Embaixador, eu me lembro que o sr. falou que é esse trecho que se mantém igual...

**A:** Igual eu não diria, porque se abriram, muitas portas para fazer lojas, fazer garagens. Mas ainda mantém uma certa atmosfera. A maioria das casas ainda corresponde ao que era no início do século XX.

**A:** As cidades eram alegres, eram coloridas. Depois, na época do Getúlio, é que veio a idéia do pierrot de pedra, da casa cinzenta, da casa triste. As casas eram coloridas!

**D:** Vamos subir a escadaria?

**A:** Vamos!

**A:** Você veja que maravilha de paisagem que é isto! Quer dizer, é única esta paisagem. Você vê o casario com os telhados, a beleza desses telhados, e as cores, a multiplicidade de tons, de laranja que há nestes telhados. E depois o rio passando ali, você vê só um pedacinho do rio, você adivinha o resto do rio que vai passar mais adiante e atrás os chapadões do Maranhão, a beleza que são esses chapadões, esse pineplano. Coisa linda! Então, realmente, aqui você tem a explicação de porque o poeta escreveu "*A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra, é um céu sobre outro céu, tão límpido e tão brando que eterno sonho azul parece estar sonhando*". Porque está aqui, não é? Nessa maravilha de paisagem. Você vê o rio, vê a mata, vê as areias brancas da praia do rio e vê esse casario belíssimo onde o poeta nasceu na rua das flores em 23 de novembro de 1885.

[ALBERTO LÊ O POEMA "PRECE DE 23 DE NOVEMBRO"]

## PRECE DE 23 DE NOVEMBRO

Meu pai, que estás no céu,  
no céu que vejo,  
neste céu que respiro e que me veste  
(e não naquele de derrota feito,  
em que o eterno disfarça o sonho breve),

repara em mim,  
em mim, que me envelhece  
a tua falta  
(a tua falta cresce  
e desfaz o rancor desta certeza:  
mesmo na morte o corpo dói), protege

o homem que fizeste e que, menino,  
se agacha junto à quina das paredes,  
o queixo nos joelhos,  
o olhar cego  
a outro tempo que não seja ainda  
imóvel, puro, certo,  
como tu,  
como tu, que estou sendo  
na carne que, em mim,  
é o teu degredo

**A:** Ele aos quinze anos vai para Teresina e possivelmente só vinha para cá para as férias. E aos dezenove, ele segue para o Recife, que foi uma cidade muito importante na vida dele. Houve duas cidades muito importantes além de Amarante na vida de meu pai. Uma foi o Recife onde ele estudou, e outra foi Belo Horizonte onde ele viveu vários anos. Cidades que ele gostava muito e na qual ele tinha muitos amigos. A casa é aquela da esquina mais está inteiramente desfigurada. Eu tenho fotografias antigas da casa, a casa tinha mais ou menos essa mesma, esse mesmo aspecto, só que as portas eram partidas ao meio. A parte de cima abria livremente e formava janelas. Mas ela tinha também todas essas, todas essas portas.

**D:** A casa que o Da Costa e Silva nasceu, na verdade, era essa aqui do lado.

**A:** É essa verde, mais era igual a esta aqui. Pelas fotografias que eu tenho dos anos vinte e dos anos trinta, até dos anos quarenta, a casa ainda mantinha a sua integridade.

**D:** Gardênia abre a porta, eu acho que está fechada ou bate aí por favor.

**G:** Tudo bem!

**A:** Bom dia!

**MULHER:** Bom dia Dr. Alberto.

**A:** Eu não sei, eu não sei se internamente também foi alterada.

**M:** Foi alterada.

**A:** Porque muitas casas da época, elas tinham um ou dois corredores e os quartos se abriam para o lado dos corredores e havia a famosa alcova que não tinha janela, só os outros quartos é que tinham janelas, o quarto do casal que era alcova não tinha janela. Devia fazer um calor monumental.

**M:** É. O quarto era este aqui, quarto onde ele nasceu.

**A:** O quarto onde ele nasceu foi aqui?

**M:** Foi.

**A:** E as crianças na época nasciam em quartos, nasciam em casa, ninguém nascia em hospital.

**D:** Exatamente. Sempre com parteira.

**A:** Sempre com parteira. Só ia para o hospital os indigentes, quem não tinha onde cair morto ia para o hospital. Que se dizia assim: fulano de tal foi hospitalizado era sinal que ele estava muito ruim de finanças. Caso contrário ele era tratado em casa. Até mesmo as cirurgias que eram simples a maioria delas eram feitas em casa.

**A:** Muito obrigado à senhora pela hospitalidade.

**M:** Muito obrigado, é um grande prazer, é uma grande emoção lhe receber aqui Dr. Alberto.

**A:** Muito obrigado.

**M:** Nada. Felicidades.

**D:** Tchau. Obrigado.

**M:** Tchau. Obrigada

**A:** Você está vendo a minha bagunça? Você veja isso é uma casa dominada pelo papel.

**G:** Bagunça organizada.

**A:** Só eu me entendo aqui! Você vê que tem papel para todo lado e livro para tudo quanto é lado. Que livro é como ameoba, ele se multiplica sozinho! Você não presta atenção já tem mais livro, não é? Que é um vício desesperador. Você acaba comprando mais livro do que terá jamais o tempo para lê-los. Mas se você não tiver aquele livro você se considera frustrado, considera correndo um risco de um dia querer ler aquele livro e não encontrá-lo em lugar nenhum. Estou perdendo esta mania, sabe? Devagarinho, porque ou eu, ou eu vivo nesta casa ou sou expulso dela pelos livros. Quer dizer é... eu tenho que fazer... O poeta, não! Da Costa e Silva tinha muito poucos livros.

**D:** Ah, sim?

**A:** É. Agora ele tinha os grandes livros, olha aqui, eu tenho aqui quase todos os grandes livros eram de meu pai. Malarmet que eu tenho até hoje era de meu pai. Os Rúben Darío que eu tenho eram de meu pai, o Walt Whitman eu já tenho edição mais recente mas também tenho uma edição que era do meu pai. Vicente de Carvalho, Ronald de Carvalho,... eu vou olhando aqui e vou vendo os livros que eram de meu pai. Sobretudo os grandes poemas. Bodelaire era do meu pai! Mas o que eu quis dizer é o seguinte, ele tinha os livros essenciais. É possível até que ele tivesse mais livros mas ele vivia uma vida de um lugar para outro. Ele era funcionário da Fazenda, foi delegado fiscal, trabalhou muito tempo em Belo Horizonte, depois em São Paulo, depois foi ser delegado fiscal no Maranhão, depois do Maranhão foi ser delegado fiscal no Amazonas, depois foi ser delegado fiscal no Rio Grande do Sul, depois em São Paulo. Então, cada viagem ele possivelmente perdia livros. Eu por exemplo como diplomata levava minha casa nas costas, levava meus quadros, meus livros. Isso não era possível naquela época. Hoje em dia é! E, quando eu era menino, eu pedia para ele me dedicar os livros que eram dele. Eu vou buscar um para mostrar para vocês. Deixa eu ver se eu encontro aqui.

**ALBERTO:** Olha, esse é a vida de Ruben Darío escrita por ele mesmo. Aqui: ao meu filho Alberto, seu pai, Da Costa e Silva... Olha, essa aqui é a famosa edição de "Vers et Prose" do [Stéphane] Mallarmé com retrato do [James McNeill] Whistler. Está aqui, eu pedi, olha aí: você está vendo que a letra dele quando doente ficou diferente da letra que ele tinha antes. Você prestou atenção nisso?

**D:** Sim, há uma diferença.

**A:** Essa aqui é uma letra desenhada.

**D:** O Senhor pode ler para a gente?

**A:** Ao meu filho Alberto, oferece o seu pai Da Costa e Silva.

**D:** E sobre os documentos que o Senhor tem aí.

**A:** Eu trouxe, eu trouxe para você ver, alguns dos poucos textos escritos à mão por meu pai. Na realidade, é parte dos originais, dos originais de Verônica, que eu possuo. Eu possuo os originais de Verônica escritos, manuscritos e também datilografados. São textos muito curiosos porque o poeta tinha a letra muito bonita.

**D:** E escrevia com as duas mãos, não é?

**A:** Ele era ambidestro! Em geral, ele preferia escrever com a mão esquerda mas escrevia com a mão direita. E podia escrever até dois textos ao mesmo tempo com duas mãos. Quer dizer, não dois textos longos, coisas muito curtas. Como por exemplo, uma frase: “o Douglas Machado está aqui filmando”, por exemplo. Ele escreveria numa folha de papel que estivesse presa de um lado, com a mão esquerda, e noutra folha de papel que estivesse presa no outro lado, com a mão direita. Então, aqui está um poema de papai que é um dos que eu mais gosto e que era o poema predileto de Celso Cunha. Celso Cunha em uma das suas gramáticas, abre a sua gramática com este poema:

Cai o crepúsculo. Chove.  
Sobe a névoa... A sombra desce...  
Como a tarde me entristece!  
Como a chuva me comove!

Cai a tarde muda e calma...  
Cai a chuva fria e fina...  
Anda no ar a nostalgia  
Que é névoa e sombra em minh´alma.

Há não sei que afinidade  
Entre mim e a natureza.  
Cai a tarde... Que tristeza!  
Cai a chuva... Que saudade!

Aqui você tem o texto com a letra do poeta, escrita com aquelas penas de aço que você embebia no tinteiro, quando ainda não havia caneta tinteiro. E aqui está o mesmo poema, datilografado. Poema datilografado como ele foi para a gráfica.

**D:** O que o senhor estava dizendo, porque que ele fez..., assim...

**A:** Porque ele inventou o nome de Da Costa e Silva em vez de Costa e Silva como seria o mais normal. Vou mostrar por que. Porque já tinha havido um outro poeta, que está meio esquecido, mas que foi em seu tempo um grande poeta. Foi muito considerado, que foi Costa e Silva, poeta português, José Maria Da Costa e Silva. Aqui eu tenho as poesias completas dele. Aqui está ele.

**D:** Poeta português!

A: Poeta português. Aqui as obras completas dele de 1843.

A: No início da vida dele, quando ele publicou os primeiros poemas de Teresina, ele assinava Antônio Da Costa e Silva. É no Recife que ele resolve adotar o nome de Da Costa e Silva. Que fazia muito sentido, porque faziam parte um pouco do espírito do simbolismo uma certa “pendanterie”, se você quiser. Um certo pedantismo, um certo gosto pelo exótico! Não é pedantismo, não. Eu usei a palavra mal... de exotismo! Então, Da Costa e Silva tinha um “Da” aí com letra maiúscula que causava espécie às pessoas, não é verdade? Como se fosse uma pretensão de nobreza, De Gaulle, não é?

D: O que hoje já é natural.

A: Hoje já é natural.

A: Essa foto aqui deve ser de 1910, 1911. Eu não tenho indicação de data, mas pelo jeito dele, ele ainda era muito jovem. Aqui, ele está com Alarico Pacheco, que era cunhado dele, e a irmã dele, Sinhá, que era uma irmã muito querida, que criou - depois da morte de Alice - um dos filhos dele, Mário. Este que está aqui. Ela não tinha filhos e tomou conta do Mário.

A: Esta aqui é uma reprodução de uma sanguínea do pintor Prisciliano Silva. Foi um grande pintor da Bahia, um grande pintor baiano. Pintor de grande relevo. E ele fez esse retrato de papai em 1911. Eu não tenho original, nem sei onde esse original está. Possivelmente estava com papai que perdeu numa dessas viagens.

D: Essa fotografia também é muito curiosa. É uma fotografia dele muito jovem. Agora, curiosamente veja como ela tem uma semelhança com a fotografia última.

D: É verdade.

A: Mais do que com as fotografias que são intermédios.

D: Como se, na idade adulta, voltasse os traços de jovem, de adolescente.

A: É, do início da juventude.

A: Ele não tinha septo nasal. E eu perguntei uma vez porque que ele não tinha - achando que ele tinha feito uma operação - ele disse: “- *Porque quando eu era rapazola, eu gostava de lutar boxe!*” Coisa que ninguém sabe que papai tenha lutado boxe alguma vez na vida. Mas o fato é que ele me disse: “- *Eu gostava de lutar boxe. E para lutar boxe naquela época a gente tinha que tirar o septo, porque se levasse um murro no nariz ia sair tanto sangue que você ficava fora de combate!*”.

D: Mas ele lutou mesmo boxe?

**A:** Ah, nunca saberei ao certo.

**D:** Mas é uma boa história!

**A:** É uma boa história. Como eu nunca saberei se ele realmente foi estudar, como ele dizia, medicina na Bahia. Porque ele dizia que tinha ido estudar medicina na Bahia. Olha aqui é a formatura dele na faculdade de direito do Recife, 1915. Ele dizia que tinha ido estudar medicina na Bahia e que não tinha dado certo porque tinha descoberto que não tinha nascido para andar abraçado com cadáveres. Agora, o fato é que eu mandei fazer uma pesquisa nos documentos da faculdade de medicina da Bahia e não encontrei nada. Não encontrei nada de matrícula dele. Nem nada disso. Agora o meu tio Olarico, que era médico, me asseverava que ele realmente tinha ficado até o segundo ano de medicina na Bahia quando ele decidiu que não era isso e voltou para o direito. Porque eu não vejo bem porque razão, porque motivo, meu pai iria dizer que tinha estudado dois anos de medicina e tinha desistido, não é?

**D:** Claro.

**A:** Era uma história que ele não precisava contar. Já a do boxe podia ser uma invenção engraçada para satisfazer a minha curiosidade de menino, não é?

**D:** Eu fico imaginando que um menino ter um pai boxeador. Eu adoraria que meu pai tivesse sido um boxeador.

**A:** É possível que ele tenha tirado o septo do nariz por dificuldade de respiração!

[ALBERTO LÊ O POEMA: HOJE É GAIOLA SEM PAISAGEM]

### **HOJE É GAIOLA SEM PAISAGEM**

Nada quis ser, senão menino. Por dentro e por fora, menino.  
Por isso, venho de minha vida adulta como quem esfregasse na  
pureza e na graça o pano sujo dos atos nem sequer vazios, apenas  
mesquinhos e com frutos sem rumo.

Como se escovar os dentes fosse montar num cavalo e levá-lo a  
beber água ao riacho! Como se importasse à causa humana ler os  
jornais do dia!

Era melhor, talvez, ficar olhando, completo, perfeito, os calangos  
a tomar sol no muro, sem trair o silêncio, sentindo o dia, para  
conhecer o mundo, para saber que estou vivo.

Se não se têm esses olhos de infantil verdade, todas as cousas nos  
enganam, tornam-se as palavras sem carne com que construímos a  
árida abstração que é o curral dos adultos.

Depois dos quinze anos, quase nada aprendemos: a dar laço em  
gravatas, por exemplo.

**A:** Eu sou organizado, você já viu, não é? Eu guardo tudo que posso.

**D:** Mas guarda. Isso é importante.

**A:** Tem aqui o falecimento de papai, como teve uma repercussão grande na imprensa. Aparece o poeta Da Costa e Silva, isso é o Correio da Manhã que era um grande jornal do Rio de Janeiro. Vamos deixar isso aqui em paz. E aqui está minha mãe, como ela era bonita. A minha mãe era realmente muito bonita.

**A:** Oh, de casa!

**Bizinha:** Seja bem vindo!

**D:** Tudo bem, Dona Bizinha?

**Bizinha:** Tudo bem.

**D:** Vamos entrar, então?

**B:** Sente.

**A:** Mas Dona Bizinha, é uma referência sobre Amarante.

**B:** Eu?

**A:** Na realidade, desde que eu a conheci, desde a primeira vez que a minha família veio aqui, que minha mãe veio à Amarante,...

**B:** Eu conheci a mãe do Senhor.

**A:** ...ela me dizia: “- Dona Bizinha é quem manda em Amarante. Ela comanda todo mundo pelo carinho. Ela não precisa dar ordem, ela só diz a frase e todo mundo obedece porque sabe que está certo”. Primeira vez que eu vim aqui, Dona Bizinha me contou um pouco a história desse tio dela,...

**B:** Era. José Maurício da Costa.

**A:** ...que tinha brincado aqui nas ruas de Amarante com meu pai. Que era amigo de infância de meu pai e dos irmãos de meu pai que era tudo do mesmo grupo.

**B:** É.

**A:** Era uma molecada. Era aquela molecada que ele se refere no poema “Carrossel Fantasma”, não é?

**B:** É.

**D:** E ontem o Senhor mostrou a casa do Nica, não foi?

**A:** Foi.

**B:** A casa do Nica era ali.

**A:** Ali adiante. E nesta casa eu já disse isso a vocês também, mas repito agora, consta que papai pintou uns afrescos.

**B:** Foi. Dona Amede morreu com esta mágoa. De terem tirado as vistas que foram pintadas lá pelo Da Costa, de um lado e do outro.

**A:** Pintaram por cima e estragaram.

**B:** É.

**A:** Era a única, a única pintura que meu pai deixou da sua época de infância.

**B:** E deixou também aquele Clube dos Tetéus!

**B:** Você conhece, não?

**A:** Não, não conheço.

**B:** Eu acho que eu tenho ele aí bem próximo.

**D:** Você quer mostrar?

**B:** Quero. Vou ver se eu acho aí dentro.

**D:** Mostre para ele, então.

**B:** O fundo, aqui, o pano de fundo,...

**A:** A parede toda precisava.

**B:** ...do Clube dos Tetéus foi pintado pelo poeta Da Costa e Silva.

**A:** Mas não existe mais.

**B:** Agente não vê bem as coisas mas tem a história. Todo mundo sabe. Este menino aqui, meu tio, José Maurício, dizia: foi ele quem pintou. Conta: pintou a casa do Nica.

**A:** Do irmão dele.

**B:** Do irmão dele. De um lado, ele fez São Francisco com as serras e do outro lado, fez Amarante.

**A:** Foi uma pena que se perdeu, das poucas coisas que,...

**B:** Se perdeu, uma coisa linda!

**A:** ... das poucas coisas que ficaram da época da mocidade de meu pai. Quando ele pintava, desenhava e esculpia.

**B:** Pintava, desenhava, fazia santos.

**A:** É, ... esculpia, fazia santos de madeira.

**B:** E aqui tem um irmão dele.

**A:** E curioso porque na poesia dele esse aspecto visual é muito presente. O que revela que ele realmente tinha na alma a condição de pintor.

**B:** De pintor, é claro!

**A:** Esta igreja é muito importante na vida e na obra de Da Costa e Silva. Nos seus poemas, várias vezes, ele se refere a ela. E sobretudo aos seus sinos. Seus sinos que são uma presença constante em seus versos. Meu pai era um homem de fé, ele era católico praticante. Eu me lembro que ele me dizia, antes de dormir – ele não sabia que o filho seria sempre um incréu – ele me dizia: “- *Meu filho, se antes de dormir você não tiver tempo de rezar, diga pelo menos esses versos: ‘Com Deus me deito, com Deus me levanto, na divina graça do Espírito Santo’*. Consta que ele, quando menino, fez algum santo para esta igreja. Mas de qualquer maneira ela fazia as bandeiras das Confrarias quando saíam as procissões, era ele que pintava essas bandeiras. É uma igreja, como vocês vêm, muito simples como era simples a cidade de Amarante.

**A:** De maneira que, é muito difícil você ter um pai assim. Quer dizer, que foi um pai que era meio menino e meio homem. Que era companheiro de brinquedos e era também o mestre da vida. E tudo isso, sendo um homem doente, sendo um homem que havia perdido a sua capacidade de trabalhar, a sua capacidade de concentrar-se. Mas curiosamente, não havia perdido a capacidade de ser bom, de ser manso e de me querer bem, o que o era muito importante para mim.

ALBERTO DA COSTA E SILVA OBSERVA O HORIZONTE. NA BASE DA TELA, O POEMA *MURMÚRIO*, DE SUA AUTORIA.

Vou pedir a meu pai  
que me esqueça menino.

[ALBERTO LÊ O POEMA: ORAÇÃO SILENCIOSA]

### **ORAÇÃO SILENCIOSA**

Sou tão feio, Senhor, e meu filho é tão lindo,  
que ele o deve notar, às vezes, me sorrindo...

Fita-me assim, Alberto, e o olhar perscrutador  
dirá que vivo em ti, como o aroma na flor.

Reflori em teu ser, que o meu sangue revela,  
para viver em ti uma vida mais bela.

A ânsia crepuscular deste sonho possuis,  
nas clareiras de céu dos teus olhos azuis...

O sol te acenará dos longes horizontes,  
e eu hei de despontar onde quer que despontes.

E, contigo, serei tudo que sonhei ser,  
redivivo e imortal no esplendor do teu ser!

Flor do meu coração, ó meu lírio entre espinhos,  
a vida é tão incerta e há tantos maus caminhos...

Mas, ao olhar-te, medito: "Onde a fé? Onde o Amor?"  
E murmuro, depois, sem que o possas supor:  
"Guia o meu filho, que é tão lindo, ó meu Senhor!"

### **O RETORNO DO FILHO**

roteiro, fotografia e direção  
**DOUGLAS MACHADO**

direção de produção e still  
**GARDÊNIA CURY**

som direto e trilha sonora  
**SÉRGIO MATOS**

edição  
**DOUGLAS MACHADO**  
**JEAN MARCELO**

animação gráfica  
**JEAN MARCELO**

acervo fotográfico  
**ALBERTO DA COSTA E SILVA**

*Aos nossos pais, com carinho*

versão para o espanhol  
**LUCIANA MARIA LIBÓRIO EULÁLIO**

versão para o inglês  
**JONATHAN SPOTTISWOODE**

assistentes de produção em Amarante  
**ANTONIO PEREIRA DA SILVA**  
**JANILSON DE OLIVEIRA [TUQUINHA]**

desenhos Da Costa e Silva feitos por  
**TÓSSAN [poema *Elogio da Morte*]**  
**CORREIA DIAS [medalhão Da Costa e Silva]**

agradecimentos  
**CINEAS SANTOS**  
**DAVID CURY**  
**EMÍLIA DA PAIXÃO COSTA [DONA BIZINHA]**  
**ERASMO CELESTINO**  
**FIorenzo LECCHI**  
**LUCIANA MARIA LIBÓRIO EULÁLIO**  
**LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL**  
**LUÍZA MIRANDA**  
**M. PAULO NUNES**  
**FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA [DR. TATÁ]**

apoio à produção do documentário  
**MUSEU ODILON NUNES**  
**OFICINA DA PALAVRA**

gravado de dezembro de 2008 a janeiro de 2009  
no **Rio de Janeiro [RJ]**, **Teresina** e **Amarante [PI]**

editado de fevereiro a abril de 2009  
na **TrincaFilmes**, em **Teresina [PI]**

imagens captadas com câmera  
**DVX100A** [Panasonic] - formato 16:9

som captado com microfones  
**K6** - Direcional/Condensador [Sennheiser]  
**ECM-672** - Direcional/Condensador [Sony]  
**ECM-44B** - lapela [Sony]

editado com equipamentos **Macintosh**  
programas  
**FINAL CUT PRO**  
**AFTER EFFECTS**  
**PHOTOSHOP**

[ver créditos DOCTV Piauí-II]

[Teresina-PI, 4 de abril de 2009]